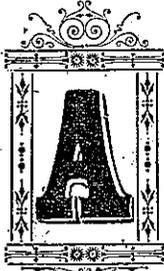


ANNO II.

S. Paulo, 30 de Junho de 1899.

N. 15



ALBUM

S

DAS

MENINAS

REVISTA LITTERARIA
E
EDUCATIVA
DEDICADA A'S JOVENS BRAZILEIRAS



PROPRIEDADE
de
Analia Eugenia Fraunco



TYP. KING — Rua Comercio, 39 — S. PAULO

Anno II — S. Paulo, 30 de Junho de 1899 — N. 15

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS

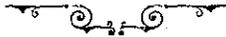
PROPRIEDADE DE ANA LJA EMILIA FRANCO

Pagamento
por semestre

PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE
Endereço: Largo do Arouche, 58

Num. avulso
Rs. 1\$000

Educação femenina



Apesar de mais completa indiferença com que quasi todos olham para o importante assumpto da educação femenina, pretendemos expender nestas mal delineadas notas algumas idéas a esse respeito.

Idéas confusas sem dúvida, mas que deixarão transparecer ao menos a nossa convicção e fé profunda na efficacia da educação.

Se o jornal como se diz, nasceu para levar o recreio e a instrucção ao albergue do pobre, e para substituir o livro que as classes menos favorecidas da fortuna não podem comprar, a melhor e mais proficua recommendação de uma empreza jornalística é apresentar ao publico escriptos uteis e âmenos, que alarguem a esphera dos nossos conhecimentos e nos encaminhem ao bem.

Com estas palavras, não pretendemos senão, chamar a attenção das nossas leitoras para as idéas dos autores erudictos, que com tanta proficiencia têm percorrido sobre este assumpto, idéas que não duvidamos transcrever por vezes, visto que bem me-

ditadas podem auxiliar-nos na tarefa augusta que por Deus nos foi imposta na familia.

A idéa de que a educação da mulher deve consistir exclusivamente na aquisição de prendas agradáveis, afim de que ella possa brilhar e reinar na sociedade, é um erro que começa a dissipar-se, mas que está ainda longe de ser condemnado. A maior parte dos paes têm receio de dar ás suas filhas uma instrucção mais ampla, julgando que o esmerado desenvolvimento das faculdades seja um incentivo para desviar-as do dever.

Fatal engano suppôr-se a ignorancia e a inexperiencia em que baseiam a sua virtude, como preservativo contra as ciladas das paixões e seducções do coração. Por outro lado quando alguns espiritos esclarecidos e cheios de compaixão para com os seres fracos, elevam a sua voz auctorisada, como Michelet, Pelletan, Jourdan e outros, reclamando uma instrucção que a faça independente da especie de escravidão que a subjuga, a essa eterna paria, condemnada a um ostracismo secular, ergue-se a orgulhosa phalange de alguns homens ciosos dos seus privilegios e verberam a mulher intelligente e cultivada, arremessando ao ridiculo com os epithetos de *pedante*, *bas-bleu*, etc. E quando não, apontam-lhe com o mais solemne desdem as celebres *preciosas* de Molière, ou atiram-lhe acerados epigrammas colhidos nos paradoxos de A. Karr, ou nas homilias de S. Paulo.

«Seria mais nobre, diz um escriptor celebre, mais delicado e mais justo que o homem eduque do que avassalle a mulher. Se é o rei da natureza, não esqueça que a mulher é a rainha. Não esqueça que a mulher foi sua mãe, e que é, ou ha de ser a mãe de seus filhos.»

Entre os dois extremos, isto é, entre a mulher erudita que se torna pedante e ridicula, alvo da ironia mais ferina, e entre a mulher ignorante, tri-

vola, incapaz de conceber e realizar um pensamento grandioso em beneficio da humanidade não haverá um justo meio ?

Ha, sem duvida, que é a mulher educada na justa comprehensão de todos os seus deveres e de todos os seus direitos, para que possa formar dignamente o character dos filhos em affectuosos sentimentos e elevadas idéas.

A preponderancia instinctiva, espontanea com que ella influe naturalmente sobre a familia, que é segundo a opinião de um auctor de nota, o grande agente moralizador do genero humano, sendo que cada uma de nós é, até certo ponto a imagem do meio em que passamos os primeiros annos, essa preponderancia pois se fôr bem dirigida póde realizar os mais transcendentos prodigios.

Educar um homem, diz um escriptor, é formar um individuo que nada deixa atraz de si ; educar uma mulher é formar as gerações vindouras.

O celebre economista Say, disse e com justiça, que pela educação da mulher devia começar a dos homens : igual principio ficou tambem consignado pelo sabio Mirabeau,

Assim possuindo a mulher como natural apanagio uma primazia incontestavel para desinvolver pela educação a natureza humana na infancia, indispensavel é illustrar e fortalecer o seu espirito, afim de que ella possa exercer dignamente esta benefica acção. A este respeito assim se exprime um notavel escriptor :

«Quanto mais terna e mais dedicada fôr a mãe que dirige a creança, tanto mais forte e mais completo, será depois o homem.»

Não é, pois, necessario que a sua instrucção seja profunda, mas sim bem dirigida.

Em summa, convençamo-nos de que por mais esmerada que seja a nossa instrucção, se não estiver intimamente ligada com a educação moral me

que se baseia todo o cultivo do espirito para a attingir o seu fim supremo, podemos conquistar admiração e applausos, porém nunca o amor, o respeito e a estima sincera do homem.

Analia Franco.



Chronica

Na minha cegueira de fanatica vi nas tuas palavras as sentenças d'um oraculo. Julguei-te sincera, justa, infalivel e segui-te descuidosa, confiante, entregando aos teus conselhos o meu destino. Tu dizias : «é preciso que a mulher só leia e estude pelos livros do marido : que se eduque e illustre depois de casada e não antes». Seja, disse ; e sentindo em mim uma necessidade de saber, um anseio de levantar um pouco a cortina que me occultava as grandes pugnas intellectuaes, a boa esgrima das idéas, acabei por concluir que me davas um bom conselho e segui-o.

Exactamente n essa occasião minha familia inculcava-me um marido que eu acceitei sem saber se o amava, porque na minha idade ama se tudo que póde quebrar a monotonia da vida ; depois, seguindo-te sempre, pensei que, mesmo sem querer, havia de amal-o. Elle ia ser o meu mestre, ia formar o meu espirito, amoldar as minhas idéas ás suas, envolver-me nas fulgurações da sua intelligencia e criterio, deixando no meu character e no meu cerebro, traços indeleveis da sua personalidade illustrada e conspicua.

E tornando a ler te, convenci-me que sim, que tinhas razão, que a mulher só tem uma *carreira* :—o matrimonio ; e que mais tarde ou mais cedo, vem sempre a amar o marido, senão como esposo, ao menos como mestre, vis-

to que o casamento tem de ser para nós uma especie de *curso superior de lettras*.

Mas ah ! traiçoeira Chronica, e desleal conselheira ! collocando-te n'esse ponto de observação tão falso ! tão erroneo, vê em que decepção me lançaste.

Ha semanas que estou em casa de meu marido e em vão tenho procurado a bibliotheca, a galeria de quadros; as musicas, as effiges das notabilidades governativas que me deem a conhecer as predilecções litterarias, artisticas e politicas do que deve ser o meu mestre. Nada ! absolutamente nada !

Primeiramente julguei-o tão orgulhoso que considerasse os livros inuteis á profunda vastidão do seu saber ; tive porém bem depressa a prova de que me enganava, porque se para tirar-me d'uma duvida careço de interrogal-o sob um ponto qualquer, por exemplo de physica ou de chimica, que tão necessarias se me tornam no laboratorio da minha cosinha, elle com o ar rude e lorpa de quem se imagina disfructado responde-me invariavelmente com esta phrase rude : «ora lérias».

Já agora, Chronica, tem paciência e percorre commigo todo o abysmo d'esta tremenda desillusão da minha existencia.

Julgas talvez que meu marido é um bom velho pacato e burguez, que nao entende de sciencias naturaes mas que tem um bom peculio de outros conhecimentos proveitosos adquiridos pela experiencia dos seus annos.

Era bem bom que assim fosse, mas não é.

Eu te conto.

Meu marido é novo, teu maneiras agradaveis, e não é feio ; occupa-se porém do seu bigode louro, dos seus cabellos anellados, do rosado das suas unhas e dos laços das suas gravatas com um desvanecimento tão cheio de fatuidade, que tem tido a habilidade de me irritar os nervos. A sua vida é inutilmente repartida entre o club e os

cafés, de onde elle traz ás vezes idéas e opiniões de que se mostra tão convicto como se sempre tivesse sido as suas; no outro dia desengano-me que eram dos amigos, visto que idéas contrarias teem succedido às da vespera. E de resto, em tudo assim: banal e mediocre.

Não tem livros, como já te disse, mas conversando, tem ás vezes autores predilectos que aponta com phrases pomposas; porém recordando-me, vejo que são os phrases e os autores que o folhetim do jornal desse dia tem citado.

E' toda uma sciencia e uma litteratura de adelo, esta do senhor que tu queres que seja meu meu mestre. A uma pergunta minha sobre geographia, historia ou moral, o seu sorriso desconfiado desabrocha sempre e o brusco:— «ora lérias»—repete-se.

Vê que tristeza!

Hontem tive eu uma grande contrariedade que me desesperou, imagina que estive discorrendo seguramente meia hora sobre varios systemas de educação, sem que meu marido desse mostras de comprehender-me. Por fim alludi mais claramente á nossa responsabilidade de esposos: queria assim fazer-lhe comprehender que o ponto para onde eu levava a conversação não era inutil, e assim confiada no interesse que ella devia despertar-lhe, fallei no *Manual das mães*, de Pestalozzi, na conveniencia de passar do empirico ao racional, do concreto ao abstracto no ensino das creanças; toquei levemente na *Educação* de Spencer, na *Reforma de educação*, de T. Wyse; não me queria tornar *bas bleu*, mas queria incital-o a fallar, queria ouvir-lhe as opiniões, os conselhos que mais tarde deviam utilizar me.

Inuteis esforços! Limitou-se por unica resposta a rir com o riso idiota de quem faz da ignorancia um attractivo e disse-me com ar orgulhoso: «que não era mestre eschola». Em seguida passou a tagarellar sobre banalidades, designando-me com minudencia impertinente a *toilette* que eu

devia levar n'esse dia a casa da sra. X... cuja honestidade eu acho muito discutivel e manifestando lhe a repugnancia que me causavam as relações d'ella, objectou-me que a sra. X... era titular e rica, e que a sociedade deve ser toda de apparencia podendo cada um na sua vida intima macular-se como lhe aprouver.

Por Deus, Chronica, vê isto! E se tu decides que eu tenho de moldar a minha individualidade moral pela de meu marido, é claro que heide approvar esta theoria e que heide deixar que este homem, que tu queres que seja *meu mestre*, conclua a minha educação e principie a dos meus... filhos!

Horror!!!

Não sophysmes, não fujas com evasivas, não digas que eu e meu marido somos uma anomalia, uma excepção; bem pelo contrario, a regra geral é esta. A excepção é encontrar-se o homem d'um tacto e d'uma illustração capaz de educar a intelligencia, modificar o genio e formar por assim dizer a alma da mulher.

Confessa que erraste, Chronica. Confessa que viste por um prisma falso: a mulher, as suas faculdades, a sua missão e a influencia que a sua instrução pode ter no marido, nos filhos e por conseguinte na sociedade.

Em nome pois da moral e da justiça peço-te Chronica, que resgates o mal que me fizeste aconselhando de futuro ás tuas leitoras que se illustrem, que formem o seu peculio de conhecimentos, que completem bem a sua educação antes de pertencerem a um homem que pode muito bem ter attractivos, titulos, riquezas, o que é muito bom: mas não ter senso nem ter idéas o que é pessimo.

E enquanto á tua objecção, de que educando-se a mulher antes de casada pode adquirir genio e gostos inteiramente oppostos aos do futuro consorte e surgir d'ahi todo um inferno de contendas e luctas insupportaveis, é uma objecção desleal que está a deixar-te e a por-se toda

do meu lado, só porque lhe vou dar uma pequenina volta. Queres ver ?

Olha :—se uma esposa não ama verdadeiramente o marido, é inutil que elle tente dominar-lhe o genio, inculcar-lhe os gostos, habitual o aos seus habitos ; nenhum poder d'este mundo ser capaz nunca de os pôr d'accordo, e neste caso, só uma mulher de educação esmerada, de subtil delicadeza, de espirito fino e culto, conseguirá evitar as dissensões domesticas ; e assim cá está o teu argumento a pôr se do meu lado, e a dizer que exactamente para evitar esses grandes desequilibrios da paz conjugal é que é preciso que antes de casada a mulher tenha estudado, lido, apprendido uma certa tactica, um certo numero de revelações e conhecimentos sem os quaes não pode ser boa esposa, nem boa *ménagère*.

E' pois necessario que leia e medite, que compare e que estude. Recommanda o ás tuas leitoras, Chronica, intimo-te a que lh'o recommends ; sob pena de julgar que foste um dia torturada pela crueldade d uma mulher, e procuras vingar te em todas ellas insinuando que se lhes devem negar os livros e a instrucção.

Condemna me, se queres, pelas minhas cartas ; podes dizer que fui na outra uma educanda rebelde, que em vez de tolhida por todas as peias da timidez e do acanhamento proprio das creanças, sahi do collegio com a audacia caprichosa das mulheres irreflectidas.

Serás talvez justa. Chama me agora esposa inconveniente, *shocking*, desleal mesmo se queres ; não me zangarei contigo. Mas por Deus, boa Chronica, aconselha ás mulheres solteiras que leiam, que estudem, que se illustrem, e ás tão desastradamente casadas como eu, diz, boa Chronica, diz, agora aqui baixinho, compadecida e franca :— que livros devemos adquirir para educar nossos maridos ?

Uma educanda recém-casada.



As estrellas

Versão do hespanhol

—Porque sendo tão puras,
Tão timidas, tão bellas,
Tão doce, tão formosa,
A sua claridade,
Caminham pelos céos
As pallidas estrellas
Buscando só da noute
A triste escuridade ? -

—Tão puras como um raio
Do teu olhar ethereo,
Tão castas como as palmas
Dos teus affectos são :
Vem incender da noite
As sombras, o mysterio,
E em pudibundo brilho
Seus resplendores dão.—

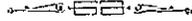
—Que são essas estrellas
Que tanto est alma adora ?
Porque assim contemplo
Seu vivido esplendor ?

—São lagrimas que o ceu
Por sobre a terrà chora.—
São lagrimas de pena ? —
São lagrimas d'amor ? -

Marianna d'Andrade.



Um suicida



Quando se relanceia os olhos para o passado, por entre tantas recordações agri-doces que fazem sentir o pungir da saudade, não é raro vermos surgir de envolta, a lembrança insistente e importuna d'algum tragico acontecimento á cuja dolorosa impressão apesar dos annos decorridos, ainda não nos podemos eximir. Esta singela narrativa não é pois uma ficção, mas sim uma historia veridica, acontecida em 1876. Foi em uma manhã de outono perfumosa e limpida, que eu o vi pela primeira vez.

O sol dourando com os seus primeiros esplendores, os cimos das collinas, dava então um brilho deslumbrante ao aspecto encantador da natureza campesina. Effectivamente as arvores ostentavam-se mais bellas e floridas, os prados mais virentes e os passarinhos mais alegres e chilreadores.

Do centro das florestas rebentavam em cardumes como estrellas no céu, bando de borboletas azues, brancas e amarellas, que adejavam pelo prado e pelas margens verdejantes do caudal Parahyba. Indifferente porém a tudo quanto tinha ante os olhos, um joven que podia ter 18 annos, caminhava rapidamente em direcção ao rio, cuja corrente serena e limpida, parecia unicamente attrahil o.

Ainda que vestido com trajos grosseiros, o seu porte distincto e a delicada expressão de toda a sua physionomia, davam-lhe uma apparencia tão pouco vulgar e tão extranha, ao rude aspecto dos typos camponios, que difficilmente poder-se-ia tomal-o por um sertanejo. Alto, moreno, delgado o seu rosto de um contorno oval tinha feições bellas e regulares: os olhos negros, as pestanas sedosas, os bellos louros e auelados.

Um véu de tristeza intensa envolvia todas as suas feições, onde parecia estampar-se o sello mysterioso do seu

desventurado porvir. Havia na expressão do seu olhar, de uma meiguice quasi feminil, tão extrema doçura, que bem poderia julgar-se fraqueza excessiva, se não estivessem a protestar contra uma tal supposição, o fogo que irradiava ás vezes das suas vistas, e a vivacidade masculina de todos os seus movimentos.

Approximando-se do rio, o moço deteve-se de subito, e com o olhar fixo na superficie limpida e tranquilla das aguas, parecia contemplal-as absorto. Quem n'aquelle momento o fitasse attentamente, veria que o desventurado moço tresloucado por um golpe duramente cruel, era presa das excitações, do desespero que o impellia á idéa sinistra do suicidio.

O pobre moço amava Ida, a filha unica de um lavrador de sua vizinhança. A bella e meiga joven com quem desde a infancia tantas vezes brincara correndo nos prados, lhe tinha inspirado uma dessas paixões fataes que subjagam e fazem endoudecer. Para cumulo do infortunio, o cruel destino collocava-os em situações diversas na escala social.

Argemiro era pobre, e por isso apesar das excellentes qualidades que o distinguiam a sua pretensão foi regêitada pelo pae de Ida.

Entretanto o moço não desanimou totalmente, contava com o auxilio de um tio seu assaz rico e sem filhos, que residia na provincia de S. Paulo. Sem importar-se com a grande distancia que tinha a percorrer, nem com os fracos recursos de que poderia dispor, deixou o seu berço natal em Minas, e veio implorar a intervenção do tio em favor da sua pretensão. Antero Dias era um homem máo, e excessivamente avaro. A recepção que fez ao sobrinho foi de uma friesa glacial, e quando este se animou a fazer-lhe a exposição franca dos seus desejos e das suas esperanças. Antero ouviu-o com signaes visiveis da mais manifesta impaciencia.

— Uma vez que és assaz doudo para preferires uma

moça rica, ás da tua ordem, trata de esquecel-a, quanto antes.

E por ventura deve-se amar quando se é pobre, e se não tem meio algum de vida? As maneiras bruscas do tio, e mais do que tudo o tom rude e aggressivo, com que respondeu-lhe deixaram-n'o por alguns segundos aturdido e mudo de espanto.

—Pois bem, redarguiu o moço por fim, com uma brandura que contrastava com a rudez de Antero, se o tio julga que devo subtrahir-me a este amor sem esperança, consinta ao menos que eu fique aqui. Sim o tempo e a ausencia não serão impotentes contra a pressão tyranica da minha louca paixão, e eu trabalharei a seu serviço, até que me seja permittido encontrar uma posição independente.

—Não, não redarguiu Antero com uma dureza cruel, o que desejas é impossivel.

A vida aqui é carissima, e eu não costumo despende cousa alguma, além do que me é estricitamente necessario. Tens mocidade, és corajoso, e vives em uma provincia, onde não ha probabilidades de ninguem morrer á fome, por conseguinte volta para junto de teus paes que é o que te cumpre fazer.

—Voltar? bradou o moço com voz estrangulada pela dor e pela desesperação, ante o desmoronamento das suas esperanças. Oh! prefiro morrer!

Antero encolheu os hombros, e com fria indifferença, despediu-se tacitamente do sobrinho, deixando o petrificado, junto ao *parquet* do vestibulo.

III

Com um doloroso pungir de coração o moço comprehendeu que nada tinha a esperar do tio, cuja sordida avareza estava longe de imaginar.

Deixando cahir a cabeça sobre o peito, d'onde se

irrompiam os soluços, começou a caminhar ao acaso, sem dar attenção aos transeuntes que paravam e fitavam no espantados, ao verem o desalinho dos seus trages, e o semblante completamente transtornado. Chegando á margem do Parahyba, a temperatura benigna, e mais que tudo a fresca amenidade d'aquella esplendente manhã, saturada de inebriantes perfumes acalmaram-lhe, qual um balsamo, salutar, a intensidade do seu agudo soffrimento. Passando as mãos pelas palpebras ainda humidas de pranto, sentiu o rapido fulgor d'uma esperança illuminar-lhe a mente.

Ida ama-me, pensou elle, esperarei.

O tenue bruxolear de uma esperança acaba de infiltrar-lhe n'alma, a mais grata consolação. O seu espirito adejava agora sobre as floridas margens d'um ribeiro onde via desenhar a imagem de Ida bella e deslumbrante pelo duplo prestigio do amor e da saudade.

Olvidando completamente os pensamentos funebres, que para alli o conduziram, em menos tempo que se podia esperar regressou aos seus lares.

IV

Ha porem creaturas, que parecem fatalmente destinadas para o constante ludibrio de eternas angustias. Um terrivel desengano acabava de esphacelar cruelmente, a sonhada felicidade do inditoso moço.

Ida, que symbolisava para elle todas as alegrias, e todas as esperanças, esquecendo as juras sagradas e as ternas promessas, havia espozado outro homem.

Calm e tranquillo na apparencia, Argemiro no mudo desespero, viu desaparecer-lhe completamente o universo, apagando-se-lhe tudo, presente, passado e futuro.

A lembrança terrivel do suicidio occorreu-lhe de novo mais viva, e mais tenaz de que nunca.

Parecia-lhe o unico meio para subtrahir-se ás mortaes agonias que como as roscas de uma serpente estrangulavam-

lhe a garganta. D esta vez não hesitou. Ouviu-se uma detonação terrível, e em seguida o baque de um corpo, que cahia sobre o solo, uma massa inerte e pesada.

O infeliz expirou, sem uma só queixa, contra aquelles que despedaçaram-lhe o porvir.

Analia Franco.



UMA VIDA MODELO

XII

Comquanto a Escripura, não nos diz mais nada sobre a existencia da Santa Familia, desde a volta do Egypto, até o momento em que Jesus, appareceu no Templo no meio dos doutores, todavia alguns piedosos auctores acreditam que ella vivia na pobreza mais estreita, e na virtude mais pura, sujeita como tantas outras, á pena do trabalho; tendo Jesus empregado as mãos, no officio de carpinteiro, para ajudar S. Joseph a ganhar a subsistencia quotidiana.

N'este singelo capitulo; resumirei em poucas palavras o que alguns livros piedosos nos dizem sobre a modesta existencia d'essa Familia abençoada por Deus: cujas virtudes constituem um modelo digno de imitar-se. Que estranha suavidade, que infinito encanto, não irradiariam d'essa pequena casa de Nazareth, occupada por tão virtuosa familia?

Como não deveriam se amar aquelles entes que concebiam a mais alta noção da Divindade? Na singelesa das suas almas puras, desprezavam o luxo e os praseres ruidosos da vida; convencidos de que o mundo presente não merece

os cuidados das creaturas, acolhiam-se ao seu mundo ideal, que sem duvida lhes proporcionou infinitas consolações.

Maria Santissima, procurando os meios de agradar a todos, Jesus, advinhando tudo quanto podia contentar seus paes, e S. Joseph fazendo tudo quanto lhe era possivel, para que ninguem soffresse junto de si.

Comprehendiam que todas as bellas inspirações que sentiam, lhes vinha do céo, e por isso por mais difficeis que fossem os sacrificios exigidos no percurso da sua vida, submettia-se resignadamente, conscientes de que era Deus quem assim o queria. Pensando d'este modo, viviam n'um contentamento intimo, visto que a alegria é filha dos humildes de coração, das pessoas de boa intenção e d'aquelles emfim que amão verdadeiramente a Deus, d'onde tiram a força precisa para perseverarem sempre na senda do bem. Trabalhavam com assiduidade, porque sabiam que o trabalho é uma lei divina, e por conseguinte cada hora occupada torna-se uma acção meritoria aos olhos de Deus.

De manhã, á noite e mesmo durante as horas do trabalho, dirigiam as suas preces ao céo, porque a idéa d'um Creador Supremo lhes enchia o coração e o espirito, não podendo deixar de agradecer-lhe a todo o instante os beneficios recebidos.

Amavam a sua pobreza, não só porque viam n'ella a posição em que a Providencia approuve collocar-os, como por comprehenderem perfeitamente todos os embarços, e todas as inquietações, que dão as riquezas; tendo por certo e seguro que o pobre que trabalha e se resigna, encontra mais facilmente o caminho do céo. A sua existencia era humilde e reconcentrada, vivendo de ordinario sosinhos, porque e só nos lugares solitarios onde a alma procura e encontra a Deus.

Alem disso que lhes importava os homens e os applausos do mundo, se a voz interior da sua consciencia lhes era assáz sufficiente?

Que prazer lhes poderiam proporcionar as visitas e conversações estranhas, que fosse comparavel a essa doce intimidade, onde encontravam as mais gratas consolações e alegrias?

Entretanto não viviam absolvidos exclusivamente n'uma contemplação ascetica e egoistica, visto que a fraternidade para elles não se estabelece só pela fé religiosa, mas sim pela caridade.

Condoiam-se de todos os seus semelhantes, sem distincção de seita; comprehendendo a caridade na sua accepção mais lata, em larguissima copia a praticavam. Nas suas conversações intimas a hora do repouso, se fallavam das pessoas era com a mais evangelica benevolencia. Se por ventura S. Joseph sabia d'um facto desagradavel e reprehensivel praticado por algum amigo, conhecido ou mesmo estranho, apressava-se em excusar o culpado attribuindo a falta commettida a um momento de fraqueza, e procurava attenuar e mesmo esquecer a orando a Deus pela alma transviada. Alem disso, tinha por costume narrar as acções dignas de louvores que conhecia, encarecendo a boa opinião que fazia dos seus auctores.

Seria impossivel que a intriga, a calunnia e a maledicencia pôdessem ter guarida n'aquelle humilde tecto onde imperava a mais inexcedivel caridade. Com quanto Jesus ainda fosse assaz pequeno e fraco, já começava a revelar sob essas apparencias a força, o poder e a magestade de sua alma divina. Quanto mais seus paes o contemplavam e estudavam, mais se sentiam arrebatados de admiração ante a sua extrema benevolencia para com todas as creaturas. S. Joseph tinha por Jesus o mais entranhado affecto e não o era menos a sua cara esposa. Maria Santissima sempre infatigavel em todos os cuidados dispensados a S. Joseph, informava-se de todos os seus gostos, dos seus trabalhos e das suas necessidades; velando incessantemente para que nada lhe faltasse, estava sempre disposta a fazer a sua vontade. O coração amantissimo do seu esposo comprehendia todas estas atten-

ciosas delicadezas, e esforçava-se por provar-lhe o seu reconhecimento.

Elle a amava não só pelas suas raras e excelsas virtudes, como muito mais ainda por ser a mãe de Jesus. Quando lhe era preciso fazer um trabalho longe de sua familia, com que anciedade não esperava elle a hora do regresso?

A' sua volta que alegria para todos! Maria o esperava com essa inquietação calma e alegre d'um coração que ama sempre, d'um modo renovado. Jesus, apenas avistava-o ao longe corria para elle e se lançava nos seus braços. S. Joseph o erguia e beijava com transporte, chorando de alegria. Assim cada dia que passava, era para elles um motivo de gratos e ineffaveis contentamentos.

Elles, que tanto amavam a Deus de quem recebiam tão singulares beneficios, não perdiam nenhuma occasião de fallar n'Elle. E, por ventura pode-se deixar de fallar de quem se ama?

—O verdadeiro Deus ainda não é conhecido e adorado como deve sel-o; diziam os santos esposos, e eil-os um e outra a attrahirem pela sua affabilidade, as pessoas conhecidas, a quem fallavam com enthusiasmo e reconhecimento, dos beneficios que d'Elle tinham recebido, sem se inquietarem em serem ás vezes desprezados e repellidos com aspereza pelos frivolos e incredulos, que são de todos os tempos. Effectivamente os homens em todos os tempos são sempre os mesmos; occupados exclusivamente com os cuidados da vida material, censuram principalmente os que subordinam ás questões espirituaes as questões mundanas, e professam por aquellas a mais desdenhosa indifferença.

Os santos esposos modestos em suas acções, reservados nas suas palavras e morigerados na sua vida privada, deviam por certo ouvir acres censuras, palavras offensivas e zombeteiras dos invejosos e mal intencionados, contra as suas virtudes, e mesmo contra a sua assiduidade ao trabalho, cujos successos Deus abençoava. Quantos aborrecimentos e vexames não soffreriam?

Como não sentiriam amargamente, tudo quanto a injustiça tem de pungitivo para um coração delicado e recto?

Quantas perseguições e odios mesquinhos não excitariam as suas nobres e elevadas virtudes? Ambos offereciam a Deus as suas amarguras e continuavam a sua vida cada vez mais regrada e laboriosa.

Trabalhando assiduamente todos os dias para obter o necessario a sua pequena familia, S. Joseph revelava a mais extremada paciencia nessas horas de monotonia, de fadiga e de desgosto que o trabalho tem por vezes, para todos; além disso era bem penivel ao seu terno coração de pae e de esposo amantissimo, não poder proporcionar aos entes que adorava, os confortos e regalias que na sua immensa ternura lhes desejava dar, e que na sua grande pobreza, não os podia conceder.

Entretanto, tudo supportava sem um só queixume, antes pelo contrario com o sorriso nos labios, submettia-se resignado á vontade Divina.

Essa Santa Familia, era d'uma probidade escrupulosa para tudo quanto pertencia aos outros; na sua singelesa viam as cousas taes como se lhes apresentava, sem procurar jamais descobrir uma intenção má nos factos que se lhes occultavam.

Que suave placidez, que doce calma, não lhes devia proporcionar este modo de pensar! Comtudo não tinham relações de amizade, senão com aquellas pessoas, que depois de longo tempo de observação, reconheciam serem dignas de as merecer, certos de que a prudencia não exclue, nem a simplicidade, nem a rectidão, sendo antes um arrimo para sustentar uma e outra.

Apezar de sua plena convicção na Providencia, esforçavam-se por si mesmos, para evitarem os perigos, persuadidos de que Deus não intervem quando por nossa propria imprudencia nos expomos aos males.

Elles não cessavam de bendizer a mão benefica de Deus que a cada instante se abria para accumulal-os de bens, que

eram os dias de que gozavam, o ar que respiravam, o pão que ganhavam as forças que possuíam. O que era ainda mais digno de notar-se era a caridade inexaurível que dispensavam a todos os desherdados da sorte.

Alem de se julgarem felizes por obterem o pão de cada dia, tinham a suprema ventura de aliviarem a miseria e enxugarem as lagrimas de muitos infelizes.

—E' preciso não se perder tempo, porque a familia dos necessitados se augmenta caá vez mais—diziam elles, e isto lhes activava a coragem e redobrava os esforços.

Assim quando S. Joseph trabalhava com Jesus, ao chegar o fim do dia, já a hora do repouso, este dizia : —Meu pae, agora um pouco mais de trabalho para os pobres.

E eis que ambos retomavam o trabalho auxiliados por Maria, e depois de mais algum tempo de labor, repousavam contentes na certeza de que no dia seguinte os pobres teriam o seu quinhão.

Bem se pode imaginar, quantas benções e lagrimas reconhecidas, não cahiriam sobre essa santa mansão de paz, onde os desgraçados encontravam alivio ás suas misérias, e consolação ás suas dores.

Ah ! e muitas vezes não era do superfluo que se dava, mas o necessario, do qual todos os dias cortava-se uma parte para os necessitados !

E, entretanto nada tinha de extraordinaria a existencia d'esta Santa Familia. Era uma vida bem simples, e como a da maioria dos homens, a qual se póde resumir nestas palavras : pobreza, trabalho e privações, mas com estes elementos attingiram as culminancias d'uma gloria immarcessivel ; e como tinham a mais alta concepção da Divindade em cujo seio viviam, á medida que avançavam em idade, se adiantavam n'essa communicacão intima de todos os instantes com Deus, de modo que quando a morte lhes veiu, não foi para elles, mais do que a continuacão d'essa preciosa vida quasi espiritalisada, de que ja fruiam na terra.

(Continúa)

ANALIA FRANCO

EM SEXTA-FEIRA SANTA

Com medonho fragor tremeu a terra,
em lua cheia o sol se eclipsou,
do templo o longo véo se espedaçou,
abriram-se o rochedo, o monte, a serra !

Ergueram-se das campas os finados,
em trevas se envolveu a redondeza,
eis transformada a lei da natureza,
julgam todos seus dias acabados !...

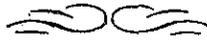
As turbas já se curvam compungidas
pedindo ao céo, frementes, piedade,
confessam já de Christo a divindade,
e lacrimosas s'erguem convertidas !

Eis consummado pois da Redempção
o myst'rioso drama !... a humanidade
a paz hauriu do Martyr, a igualdade
e a esperança da olympica mansão :

hauriu divina maxíma :—«Amar-des
« uns aos outros ; amai-vos, sede irmãos,
« não vos ceguem do mundo os gosos vãos,
« accetae minha cruz para luctardes !

MARIA ADELAIDE.



DESTINO DO HOMEM

Deus, unidade suprema que resumê em si a perfeita belleza, a perfeita verdade e o verdadeiro bem. Ente infinito e supremo que occupa o apice da perfeição, ou para dizer melhor, que é a propria perfeição, e para o qual o destino de toda alma humana é elevar-se sem cessar.

E do fundo do coração, todo ser pensante que eleva-se á contemplação do Eterno pode invocal-o com amor, e, deixando-se levar por uma santa inspiração, dizer-lhe em nome de todos seus irmãos: «Vontade sublime e viva que nenhum nome pôde exprimir, que nenhuma idéia pôde abraçar, eu posso entretanto elevar meu coração a ti, porque tu e eu não somos separados! Dentro de mim tua voz fez-se ouvir; em ti, o incomprehensível, minha propria natureza e o mundo inteiro tornam-se intelligiveis; cada enigma de minha existencia resolve-se, e uma perfeita harmonia reina em minha alma. Creaste em mim a consciencia do meu dever, aquella de meu destino na serié dos seres racionaes; como? ignoro-o; porém preciso acaso sabel-o? O que eu sei é que tu conheces meus pensamentos e acceitas minhas intenções, e a contemplação de tuas relações com minha natureza finita basta para tranquillisar-me e tornar-me feliz.

De mim mesmo não sei o que devo fazer; portanto agirei simplesmente serenamente e sem astucia, pois é tua voz que me governa, e a força com que cumpro meu dever é a tua propria. Não tenho nenhum temor dos acontecimentos deste mundo, pois este mundo é o teu—todo acontecimento faz parte de teu plano; o que neste plano é positivamente bem, ou sómente meio d'evitar o mal, eu o ignoro; porém sei que em teu universo tudo acabará bem, e nesta fé fico firme.»

Que importa que eu não conheça o que é puro germen, flor ou fructo perfeito? A unica coisa que importa-me

è o *progresso da razão e da moralidade através dos seres razoáveis*. Ah! quando meu coração fecha-se a todo desejo terrestre, como o universo apparece-me debaixo d'um aspecto glorioso!

As mássas mortas e embaraçadoras que servem sómente para encher o espaço desvanecem-se, e em seu lugar uma eterna onda de vida, de força e de acção mana da grande fonte de vida primordial, de tua vida, ó Tu, a eterna Unidade!

FICHTE.



MALVINA

I

A scena magnifica e cheia de magestade que o mar nos offerece é sem contestação o espectáculo mais grandioso que possamos admirar. Por entre abysmos transparentes insondaveis que a nossa vista assustada mal ousa fitar, parece que a sua incommensuravel extenção nos desdobra a imagem grandiosa do infinito.

«Gemem sobre elle diz V. Castro as almas magoadas, estala-lhes lá dentro as dores, fibra a fibra... Maiores, mais revoltas e temerosas são as torturas com que elle responde aos echos de cima no ranger suffocado das profundezas dos seus abysmos.»

Era á hora melancolica e saudosa do pôr do sol que Malvina sempre vestida de pesado lucto vinha sentar-se á beira mar mais triste a scismar, parecendo escutar silenciosa o soluçar das vagas. O seu olhar vago, absorto, perdia-se na vasta amplidão do oceano como que a interrogar por entre as profundezas da cerração longinqua o destino d'aquelle, que

de pé, na amurada do navio, com aceno de braços e um lenço branco lhe dissera o ultimo adeus, sumindo-se eternamente nas brumas cinzentas do extenso horizonte.

Alta, graciosa e delicada como as virgens de Ticiano, tinha a fronte bella excessivamente pallida, assignalada por um leve *tic* nervoso. Nos seus grandes olhos negros e profundos como o infinito via-se a expressão amarga de acerba tristeza. Dir-se-hia que no seu coração desflorado, flagellado por mil angustias estava para sempre apagados toda a fruição no presente, toda a esperança no porvir. Mas oh! pungente ironia do destino immersa na sua profunda tristeza, conservava-se immovel como um anjo da saudade, a fitar melancolicamente n'um ponto distante, duas lindas crianças—lindas a mais não poderem ser, quaes dois cherubins, risonhos, corriam na praia reunindo conchinhas e atroando o ar com as notas crystallinas de sua doce voz infantil e alegre!

Nos seus negros olhos refulgia essa luz de mil e ineffaveis reflexos que só n'aquella feliz idade reflue do coração que expande cheio de prazer verdadeiro.

As duas graciosas crianças completamente absorvidas nos seus brincos infantis, conservavam-se affastadas da mãe, cujos acerbos desgostos elles nem sequer suspeitavam, e nem mesmo sabiam dizer por quem ambas vestiam tão pesado luto.

A gentil menina contava apenas tres primaveras, e o irmãozinho quatro; mas nem um, nem outro, podia ainda comprehender a triste e desolada orphandadé a que estavam condemnados.

II

O céo d'um azul puro e sereno começava a tingir-se com os aureos cambiantes da luz crepuscular.

O sol ha muito que se mergulhára no ocaso. A terra n'uma languida morbidez ia adormecendo lentamente, por entre a chilreada doce, cariciosa das avezinhas, que se extin-

guia pouco a pouco com um murmurio, suave quasi imperceptivel. Vibrando tristemente no espaço, lá longe repercutiam lentas, pausadas as badaladas das Aves Marias. Malvina ergueu então a cabeça, e a sua alma triste pareceu despertar d'um doloroso torpor, voltou os olhos em torno de si com inexprimivel amargura, chamando as crianças que acudiram promptamente á sua voz maviosa e doce.

Os pequenitos com o regaço repleto de seixos e conchinhas, mostravam á porfia radiantes de alegria a sua abundante colheita.

Um ligeiro sorriso assomou aos labios da moça, á vista de tão vivo contentamente. Como era insignificante tudo aquillo! Algumas duzias de seixinhos, e umas pobres conchas tão sujinhas; mas que elles não trocariam de certo por todos os thesouros de Cresus. Feliz idade aquella, em que a vida toda absorvida em sonhos doces e ethereos, vê tudo atravez d'um prisma encantador e bello, e nem de leve suspeita a existencia desse abysmo insondavel de angustias sem nome que tantas vezes encontramos no lento despertar,—angustias que anniquilam e desfazem talvez até a ultima esperanza, que nos estala no peito afagada n'uma torrente inexaurivel de prantos.

Malvina seguida pelos filhinhos dirigiu-se em silencio para uma erma e quasi interminavel alameda, no extremo da qual avistava-se meio escondida por entre um oceano de verdura a sua graciosa casinha.

(*Continua*)

Anna Maria Franco.



